



**REPRESENTAÇÕES DE DOCENTES DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO
SOBRE A RELAÇÃO ENTRE OS CONTEÚDOS DE ENSINO DA EDUCAÇÃO
FÍSICA ESCOLAR E AS IDENTIDADES DE GÊNERO: UM ESTUDO NA SME-
NITERÓI/RJ**

Fernanda Medeiros Garcia¹

Fabiano Pries Devede²

Resumo: Alguns conteúdos generificados tendem a gerar conflitos entre alunos e alunas nas aulas de Educação Física escolar, contribuindo para a reprodução de estereótipos, por vezes, reforçados pela prática pedagógica docente, que opta pelo formato das aulas separadas por sexo e critérios sexistas na escolha dos conteúdos de ensino para alunos e alunas. Nesse contexto, a pesquisa em andamento tem por *objetivo geral* investigar como os docentes de Educação Física escolar do ensino fundamental representam a relação entre os conteúdos de ensino desta disciplina e a construção das identidades de gênero.

Palavras-chave: Educação Física, Gênero, Conteúdos de ensino, Co-educação.

¹ Licencianda em Educação Física pela Universidade Federal Fluminense (UFF/RJ) e bolsista de Iniciação Científica pela FAPERJ. Email: fernanda.medeiros.garcia@hotmail.com.

² Doutor em Educação Física e Cultura (UGF/RJ) e Professor Adjunto do Instituto de Educação Física da Universidade Federal Fluminense (UFF/RJ). E-mail: fabianodevede@uol.com.br.



Introdução

Nas aulas de Educação Física escolar alguns conteúdos generificados tendem a gerar conflitos entre alunos e alunas, contribuindo para a reprodução de estereótipos. Tais estereótipos por vezes são reforçados pela prática pedagógica docente quando estes optam pelo formato das aulas separadas por sexo e critérios sexistas na escolha dos conteúdos de ensino para alunos e alunas.

A pesquisa em tem por *objetivo geral* investigar como os docentes de Educação Física escolar do ensino fundamental representam a relação entre os conteúdos de ensino desta disciplina e a construção das identidades de gênero. Como *objetivos específicos*, visa: i) refletir sobre as representações dos docentes sobre a relação entre conteúdos de ensino e identidades de gênero no ensino da Educação Física escolar; ii) investigar o conhecimento dos docentes sobre gênero e co-educação; e iii) identificar como os docentes lidam com os conflitos de gênero, motivados pela discriminação dos discentes em relação aos conteúdos de ensino.

A pesquisa está sendo desenvolvida na Fundação Municipal de Educação de Niterói (FME/Niterói), no Estado do Rio de Janeiro. Na primeira etapa do estudo, houve uma visita à FME/Niterói, no intuito de conhecer o coordenador da área de Educação Física. Em seguida, o documento das “Orientações Curriculares da Educação Física” da FME/Niterói foi obtido na reunião de encerramento do curso de extensão da Universidade Federal Fluminense “Planejamento e Currículo da Educação Física Escolar”, oferecido para alguns docentes de Educação Física da FME/Niterói.

Na segunda etapa do estudo [*em andamento*], um questionário estruturado foi aplicado aos 55 docentes de Educação Física, regularmente matriculados na FME/Niterói. Atualmente, este instrumento de coleta de dados está sendo recolhido, no intuito de traçar o perfil do grupo pesquisado e diagnosticar o quantitativo de docentes com 5 ou mais anos de magistério, que constituirão o grupo de informantes.

Após mapear o perfil do grupo de informantes, a terceira etapa da pesquisa prevê a realização de entrevistas semi-estruturadas e a observação participante das aulas



daqueles docentes que apresentarem cinco anos ou mais de experiência no magistério da Educação Física escolar. Para análise e interpretação dos dados, serão utilizados os referenciais teórico-metodológicos da Análise de Conteúdo e dos Estudos de Gênero.

Metodologia

Em reuniões periódicas entre bolsista e orientador, foram realizadas leituras de textos indicados sobre os temas “Identidades de Gênero”, “Co-educação” e “Conteúdos de Ensino”, assim como seus fichamentos [agosto-novembro/2011], no intuito da bolsista se aproximar do referencial teórico do projeto, a saber, os Estudos de Gênero na Educação Física.

A partir da leitura dos textos, foi iniciada uma revisão bibliográfica sobre os temas acima relacionados ao projeto. A revisão está em andamento e tem utilizado como fontes de pesquisa, os anais de dois eventos representativos na área de Gênero e Sexualidade, onde existem grupos de trabalho na área de Educação Física (Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade/FURG/RS e Seminário Internacional Fazendo Gênero UFSC/SC), assim como artigos de periódicos e textos indicados pelo orientador.

Após aproximação com a coordenação da Educação Física da FME/Niterói, obtivemos os dados referentes ao número de escolas e docentes na rede. Contudo, não foi possível obter a informação de quantos docentes atuam há cinco anos ou mais no magistério da Educação Física. Nesse sentido, em março de 2012 foram aplicados questionários a 55 docentes da rede, havendo retornado até o momento 25 questionários. O perfil desses docentes será apresentado no item “*resultados parciais*”.

Identidades de gênero

Os substantivos mulher e homem não são sinônimos de ser feminino e masculino respectivamente. As identidades de gênero são as formas como esses sujeitos se identificam, a partir de suas ações e comportamentos, que são construídos social e culturalmente (LOURO, 2001). Desde pequenos aprendemos que existem coisas de meninos (masculinas) e coisas de meninas (femininas). Meninos brincam de carrinho e



meninas de boneca. Azul é cor de menino e rosa de menina. Sendo assim, quem foge desses padrões tende a ser tratado com estranheza, sendo visto como diferente.

Os homens são considerados naturalmente mais fortes, mais ágeis e mais habilidosos, enquanto as mulheres são mais delicadas, frágeis e menos habilidosas. Nas aulas de Educação Física tais diferenças se tornam mais evidentes. As meninas costumam ser menos participativas quando as aulas são mistas³, pois os meninos são mais violentos e agressivos, além de não permitirem que as meninas participem ativamente das atividades propostas. A exclusão nas aulas de Educação Física não acontece somente por questões de gênero, mas também por idade, força, e habilidade. Com isso, as meninas não são as únicas excluídas nessas aulas, mas também os meninos menos habilidosos, mais novos e mais fracos (SOUSA e ALTMANN, 1999). Dessa forma, mesmo quando as aulas são separadas por sexo há exclusão e diferenças dentro dos grupos. Contudo, a menina que se mostra habilidosa tecnicamente, passa a ser admirada e respeitada, não por suas habilidades, mas por que possui qualidades que a sociedade interpreta como sendo masculinas (FARIA JÚNIOR, 1995).

Sobre a masculinidade, Robert Connell diz que existem dois aspectos principais que são importantes para entender a complexidade da mesma. O autor diz que em primeiro lugar,

diferentes masculinidades são produzidas no mesmo contexto social; as relações de gênero incluem relações entre homens, relações de dominação, marginalização e cumplicidade. Uma determinada forma hegemônica de masculinidade tem outras masculinidades agrupadas em torno dela (CONNELL, 1995, pg. 189).

O segundo ponto apresentado é que “qualquer forma particular de masculinidade é, ela própria, internamente complexa e até mesmo contraditória” (CONNELL, 1995, pg. 189). Com isso, percebemos que existem diferentes masculinidades e que as exclusões por questões de gênero podem também ocorrer entre intrasexo e não apenas entre os sexos.

³ Entendemos aulas mistas aquelas onde os alunos alunas estão juntos no mesmo espaço, mas não são problematizadas as questões de gênero.



A aula de Educação Física, que normalmente acontece em espaços como quadra, pátio, lugares abertos etc., diferente das disciplinas que acontecem em sala de aula, onde os corpos dos alunos ficam “protegidos” pelas carteiras, tem sido um ambiente onde historicamente os corpos e as subjetividades ficam mais expostos. Isso faz com que os sujeitos procurem reforçar ou mesmo suprimir suas identidades. Nessas aulas a virilidade dos meninos e o desejo de mostrar que são melhores (enquanto machos), se tornam evidentes, e não apenas em relação às meninas, mas também em relação aos meninos (BOURDIEU, 1998). Quando algum menino não demonstra interesse por atividades ditas masculinas, passa a ser, por vezes, excluído pelo grupo. O mesmo acontece com meninas que, ao contrário, se interessam por tais atividades. Estes sujeitos são considerados “pontos fora da curva (...), trata-se em última análise, de algo que foge à regra.” (SILVA, 2004, pg. 86).

A problematização das questões de gênero na escola permite que os alunos aprendam a conviver com a diferença e a respeitá-la, seja ela de identidade de gênero, orientação sexual, estética, cultural, social etc.

Dentre os problemas enfrentados por alunos e alunas que são discriminados por questões identitárias relacionadas ao gênero, está a homofobia. Esta, por vezes é vivenciada primeiramente na escola e se não for identificada pela comunidade escolar, pode passar de violência simbólica (BOURDIEU, 1998) a agressão física. Quando chegamos ao espaço institucional da escola, as diferenças de gênero tendem a ser reforçadas, pois além dos conteúdos escolares, aprendemos a nos comportar, a nos tornar homens e mulheres e seguir os padrões que a sociedade nos apresenta. Ao mesmo tempo em que a escola tem reforçado um padrão heterossexista, branco e cristão, ela tende a suprimir a sexualidade como um tema relevante no âmbito educacional. “Aqueles e aquelas que se atrevem a expressar, de forma mais evidente, sua sexualidade são alvo imediato de redobrada vigilância, ficam ‘marcados’ como figuras que se desviam do esperado, por adotarem atitudes ou comportamentos que não são condizentes com o espaço escolar.” (LOURO, 2001, pg. 26). A sexualidade na escola é abordada muitas vezes apenas pelos assuntos: “doenças sexualmente transmissíveis, a



gravidez precoce, os métodos contraceptivos, o aborto, a pedofilia, a prostituição a AIDS, ou ainda, um tema que é muito comum, como as modificações biológicas e psicológicas da adolescência” (NAVARRO, 2006, pg. 2).

Conteúdos de ensino

Antes de abordar uma análise dos conteúdos de ensino da Educação Física escolar, cabe ressaltar o que se entende por conteúdos de ensino. Segundo Libâneo (1994), conteúdo de ensino é o conjunto de conhecimentos, costumes, formas de valor e atuação social que são organizados e planejados didática e pedagogicamente. Estes conhecimentos devem ser democratizados e apontar para uma formação mais ampla, crítica e cultural dos sujeitos.

Suraya Cristina Darido (2005) apud Coll et al. acrescenta que:

há uma reivindicação freqüente de que na escola sejam ensinados e aprendidos outros conhecimentos considerados tão ou mais importantes do que fatos e conceitos como, por exemplo, certas estratégias ou habilidades para resolver problemas, selecionar a informação pertinente em uma determinada situação ou utilizar os conhecimentos disponíveis para enfrentar situações novas ou inesperadas, ou ainda, saber trabalhar em equipe, mostrar-se solidário com os colegas, respeitar e valorizar o trabalho dos outros ou não discriminar as pessoas por motivos de gênero, idade ou outro tipo de características individuais. (grifo nosso)

O período de crise da Educação Física, e as novas concepções de ensino da mesma, permitiram a construção de um novo entendimento das aulas desse componente curricular. A partir daí, entende-se uma educação física que não prima pela técnica, pelas habilidades motoras e capacidades físicas destacadas do contexto da cultura corporal (DARIDO, 2005). Esses conteúdos estão agora intrínsecos à realidade sócio-cultural dos alunos/as, permitindo que os mesmos façam uma análise crítica a respeito daquilo que a Educação Física propõe.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, por uma política inclusiva, faz menção ao combate à discriminação, inclusive de gênero e destacam que os alunos de Educação Física devem “participar de atividades corporais, estabelecendo relações equilibradas e



construtivas com os outros, reconhecendo e respeitando características físicas e de desempenho de si próprio e dos outros, sem discriminar por características pessoais, físicas, sexuais ou sociais”. (BRASIL, 1997). Porém, mesmo com essa orientação de manter relações equilibradas, não é tarefa fácil considerando-se os conteúdos da disciplina.

Louzada de Jesus e Devide relatam que:

é percebida resistência a certos conteúdos para um determinado sexo, dissociando conteúdos para meninos – como esportes coletivos: futebol, voleibol, handebol –, e conteúdos para meninas – atividades rítmicas como dança e ginástica, e o queimado. Essa determinação das atividades por sexo acentua os estereótipos de gênero nas aulas de Educação Física (JESUS e DEVIDE, 2006).

Essa diferenciação não contribui apenas para uma deficiência na organização e execução dos conteúdos da Educação Física escolar, mas para a discriminação e o reforço de estereótipos de gênero relacionados aos conteúdos apresentados pelos docentes.

Observa-se que as aulas de Educação Física ainda têm sido realizadas separando meninos de meninas. Tal separação tem sido vista positivamente tanto por alunos como por professores. Para os alunos as aulas separadas são mais homogêneas, menos violentas, com uma socialização positiva, maior participação e com destaque para o rendimento motor (LOUZADA, 2006). Para os professores a justificativa é que este tipo de aula é mais “fácil”, não precisando trabalhar especificamente com as meninas, por serem menos habilidosas (LOUZADA, 2006).

Os autores sugerem que uma alternativa seja as aulas co-educativas, interpretadas como: “(...) uma prática na qual os alunos e alunas tendem a estar juntos participando das atividades propostas na aula, quando podem ser problematizadas as questões de gênero inerentes às atividades” (LOUZADA, 2006, pg. 129). Por tal aspecto, a co-educação será abordada em tópico específico, a seguir.



Co-educação

A partir da orientação para um modelo de escola mista, a “Educação Física limitou-se a convidar as meninas a entrar e a participar de atividades com regras que não as tinham em devida conta” (GOMES, SILVA e QUEIRÓS, 2004, pg. 178). Para Lorrene Pontes Tomazelli (2011), as aulas mistas ainda são realizadas e a persistência nessa metodologia vem por parte de professores, diretores e até dos próprios alunos e alunas. As aulas mistas, ao contrário das aulas co-educativas, propõem que os alunos estejam apenas juntos no mesmo espaço, mas não necessariamente essa junção permite uma interação entre eles. Estas aulas, embora não sejam baseadas numa separação natural, como é o caso das aulas separadas por sexo (TOMAZELLI, 2011), contribuem para reproduzir as diferenças entre meninos e meninas, que são vistas como naturais (LOUZADA, VOTRE e DEVIDE, 2007).

Maria Regina Ferreira Costa (2002) acrescenta que as aulas mistas corroboram o não respeito à diversidade e favorecem os modelos masculinos. A autora afirma que:

A co-educação considera a igualdade de oportunidades entre os gêneros, porém, é importante destacar que a escola mista não possui o mesmo significado da escola co-educativa. Neste sentido, para esclarecer os caminhos da co-educação em Educação Física, convém assinalar que esta disciplina não aborda a igualdade entre os sexos, e sim a equidade, tendo como objetivo criar um clima tal que permita o desenvolvimento integral: afetivo, social, intelectual, motor, psicológico, sem o prejuízo em relação ao gênero, ou seja, uma escola para a formação do sexo feminino e do sexo masculino que valorize as diferentes contribuições e habilidades independentes de sexo (COSTA, 2002).

O objetivo principal das aulas mistas de Educação Física acaba sendo o desempenho. Com isso, os professores adotam estratégias para que as meninas cheguem ao mesmo nível técnico dos meninos ou tenham ao menos, maior participação na aula. Contudo, tais estratégias podem fazer com que meninas e meninos menos habilidosos se sintam forçados a participar, para que não haja prejuízo para o grupo. No jogo de queimado, por exemplo, grande parte das meninas se priva do arremesso, passando a bola a um menino, para que a chance de sucesso na jogada seja maior. (UCHOGA, 2010) Segundo Auad, “a co-educação pode ser entendida como um modo de gerenciar



as relações de gênero na escola, de maneira a questionar e reconstruir as ideias sobre o feminino e sobre o masculino” (AUAD, 2004).

Para Louzada de Jesus e Devede (2006), as aulas co-educativas permitem que o sexismo, ainda presente nas aulas de Educação Física, seja combatido, além de contribuir para a melhor convivência entre os sexos, melhor socialização e mais organização das aulas.

Cabe, então, à comunidade escolar trabalhar para que as diferenças de gênero sejam problematizadas na escola como um todo, e não só nas aulas de Educação Física. A conscientização das alunas e dos alunos sobre as questões de gênero só serão refletidas em seus cotidianos caso sejam problematizadas nos diversos espaços de socialização, dentre os quais encontramos a escola.

Resultados parciais obtidos:

Análise das Orientações Curriculares

O documento das Orientações Curriculares da rede municipal de ensino de Niterói (2010) foi construído coletivamente pela Secretaria Municipal de Educação (SME), Fundação Municipal de Educação (FME) e a comunidade escolar. A perspectiva central a ser trabalhada pela rede é a do *multiculturalismo*. Tal proposta versa sobre o respeito à diversidade e à superação de qualquer tipo de preconceito e discriminação, que deve ser abordado em todos os eixos do currículo com temas tais como: gênero, sexualidade e pluralidade cultural.

As Orientações Curriculares articulam duas dimensões: uma específica, das temáticas trabalhadas por eixos; e uma dimensão cidadã, voltada à diversidade cultural que integra todos os eixos e ciclos. Os dois primeiros componentes integradores são: a) valorização da diversidade cultural, étnica, racial, linguística, geracional, de gênero, de religião, de sexualidade e outras, reconhecendo as suas contribuições para a riqueza da sociedade local, nacional e global; b) combate aos preconceitos, discriminações, assédios de quaisquer formas de intolerância e violência contra o outro, buscando reconhecer suas origens e denunciar suas manifestações.



Os eixos trabalhados nos ciclos são: “Linguagens” (no qual a Educação Física se insere), “Tempo e Espaço” e “Ciências e Desenvolvimento Sustentável”. Na Educação Física, o trabalho de interação com os colegas sem estigmatizá-los ou discriminá-los por razões físicas, sociais, culturais ou de *gênero* são apresentadas nas matrizes do primeiro (1º ao 3º anos) e do segundo ciclos (4º e 5º anos). Nas matrizes do terceiro (6º e 7º anos) e do quarto (8º e 9º ano) ciclos essas questões são abordadas implicitamente na identificação e respeito dos limites corporais e pessoais.

Sendo assim, na pré-análise das “Orientações Curriculares da Educação Física”, identificamos a temática de gênero como conteúdo deste documento e, portanto, de conhecimento dos docentes matriculados na FME/Niterói. Isso nos permite inferir que possivelmente, o grupo de informantes a ser constituído e entrevistado na próxima etapa do estudo tenha representações sociais sobre as relações entre as identidades de gênero e os conteúdos de ensino da Educação Física escolar, que merecem ser investigadas, no intuito de problematizarmos como a intervenção pedagógica tem papel relevante no combate aos preconceitos e estereótipos de gênero ancorados em algumas práticas corporais e reproduzidos nas mesmas no contexto das aulas.

Perfil do grupo de informantes da pesquisa

A partir dos questionários recebidos (n=25) até o momento, podemos traçar o seguinte perfil do grupo de docentes da rede municipal de ensino de Niterói: O grupo é constituído por 16 (64%) mulheres e 9 (36%) homens. A média de idade dos/as docentes é de 40,2 anos, sendo 17 (68%) deles/as casados/as, 4 (16%) solteiros/as, 1 (4%) viúvo/a e 2 (8%) separado/a e 1 (4%) em união estável . A maioria (n=19, 76%) é natural da cidade do Rio de Janeiro. Os demais são naturais de Niterói (n=4, 16%), São Gonçalo (n=1, 4%) e do Espírito Santo (n=1, 4%). A média de filhos é de 1,5 por docente.

Sobre as instituições de origem dos docentes obtivemos os seguintes dados: 18 (72%) docentes foram formados em universidades públicas e 7 (28%) em universidades privadas. Os docentes apresentaram uma média de 13,4 anos de atuação em Educação



Física escolar, significando que 23 (92%) dos 25 docentes possuem 5 anos ou mais de experiência na área, sendo parte do grupo de informantes a ser entrevistado na próxima etapa do estudo.

Todos os docentes atuam em escolas públicas, com uma média de 1,9 escola por docente. Três docentes também atuam em escolas privadas. Oito docentes possuem outra formação⁴. Dos 25 docentes, 16 (64%) realizaram especialização na área; 2 (8%) possuem mestrado e nenhum possui doutorado.

Considerações preliminares

A pesquisa apresentada encontra-se em andamento, estando na fase de coleta dos questionários aplicados aos docentes da rede municipal de ensino de Niterói, para que a próxima etapa da pesquisa, a realização das entrevistas, possa ser realizada. A revisão de literatura e a confecção do relatório final da pesquisa estão sendo realizados simultaneamente.

Referências:

- AUAD, Daniela. Relações de gênero nas práticas escolares e a construção de um projeto de co-educação. In: **27ª reunião anual da ANPED, 27, GT 23. 2004 Caxambu.**
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. 159p.

⁴ As outras formações citadas foram: Curso Técnico em Eletrônica, Fisioterapia, Orientação Educacional e Pedagógica, Guia de Turismo, Curso Técnico de Manutenção em Computadores, Música, Curso de Formação de Professores.



- **BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais:** introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CONNELL, Robert W. **Políticas da Masculinidade.** Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185 – 206, jul. / dez. 1995.
- COSTA, Maria Regina Ferreira; SILVA, Rogério Goulart da. A Educação Física e a Co-educação: Igualdade ou Diferença? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte.** Campinas, v. 23, n. 2, p. 43-54, janeiro 2002.
- DARIDO, Suraya Cristina. Os conteúdos na Educação Física escolar. Disponível em: <http://www.cvps.g12.br/centropedagogico/Centro%20Ped%202009/pdf/cursos%20e%20assessorias/Ed%20Fisica/Capitulo5conteudos.pdf> Acesso em: 4/02/12.
- FARIA JÚNIOR, Alfredo G. de. Futebol, Questões de Gênero e Co-educação. **Pesquisa de Campo.** Rio de Janeiro, n. 2, p.17-39, 1995.
- JESUS, Mauro Louzada de; DEVIDE, Fabiano Pries. Educação física escolar, co-educação e gênero: mapeando representações de discentes. **Movimento.** Porto Alegre, v. 12, n. 3, p. 123-140, setembro/dezembro de 2006.
- JESUS, Mauro Louzada de; VOTRE, Sebastião; DEVIDE, Fabiano Pries. Representações de Docentes Acerca da Distribuição dos Alunos por Sexo nas Aulas de Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte.** Campinas, v. 28, n. 2, p. 55-68, janeiro 2007.



- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994. 119-147 pp.
- LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado: Pedagogia das sexualidades**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. 07-34 pp.
- NAVARRO, Rodrigo Tamutolo. A formação da identidade de gênero: um olhar sobre a Educação Física. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero, 7**, 2006 Universidade Federal de Santa Catarina, anais. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/R/Rodrigo_Tramutolo_Navarro_07_B.pdf>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2012.
- SILVA, Rosimeri Aquino da. O ponto fora da curva. In: MEYER, D. E.; SOARES, R. F. R.(Orgs.) **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004. 85-96 pp.
- SOUSA, Eustáquia Salvadora de; ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cad. CEDES [online]**. 1999, vol.19, n.48, pp. 52-68. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621999000100004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 15 de maio de 2012.
- TOMAZELLI, Lorrene Pontes. Conteúdos das aulas de educação física: Reflexões através da co-educação. In: **Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade: Instâncias e Práticas nas Políticas da Própria Vida, 5 2011, Universidade Federal do Rio Grande, anais**. Disponível em: <<http://www.pettercouto.com.br/ebook/Eixo8/Comunicacao/2.php>>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2012.



- UCHOGA, Liane. Relações de gênero nos diferentes conteúdos da educação física escolar. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 9**, 2010, Universidade Federal de Santa Catarina, anais. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277822933_ARQUIVO_uchoga_liane.pdf> Acesso em: 23 de fevereiro de 2012.